

ID: 117896528

27-06-2025 | REVISTA E



+E

António José Seguro

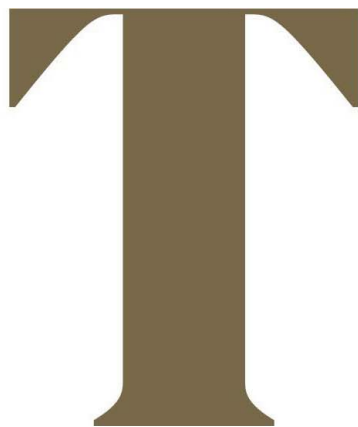


O “Mr. Compromise” está de volta

Quer chegar a Belém
“à Soares”, das bases
para o topo, mas
é “à Guterres” que
se apresenta: como
“um tipo de coração”



TEXTO
RITA DINIS
FOTOGRAFIAS
TIAGO MIRANDA



alvez o “erro” tenha sido estar calado durante uma semana — a semana em que, naquele verão quente de 2013, Cavaco Silva pisava as ilhas Selvagens e se deixava fotografar com uma cagarra na mão. Quem lá estava diz que o Presidente da República estava capaz de jurar que o acordo tripartido de “salvação nacional” que tentava promover junto do Governo (PSD e CDS) e do líder da oposição ia mesmo avançar. Seria a saída para a demissão “irrevogável” de Paulo Portas em plena execução do programa da *troika*: o PS apoiaria o Governo até ao fim do memorando, em troca haveria eleições antecipadas em junho de 2014, e quem perdesse apoiava o outro.

António José Seguro equacionou mesmo assinar e, em plena semana de negociações, resolveu não falar publicamente. Mas como a política tem horror ao vazio, a pressão interna caiu-lhe em cima com estrondo: o histórico socialista Mário Soares falou alto e bom som que iria haver uma “cisão dentro do PS” caso houvesse acordo com Passos Coelho. E não seria bonito. Escassos meses antes, em janeiro de 2013, António Costa tinha feito um primeiro ensaio para disputar a liderança do PS, mas a rutura com Seguro tinha ficado em *stand by*, plasmada num débil “Documento de Coimbra”; o recado, contudo, tinha sido dado e Seguro sabia que tinha a concorrência à perna. Uma parte do partido não gostava de o ver a negociar medidas de austeridade com a direita. Também não ajudaria o facto de Passos, no debate de uma moção de censura promovida pelos Verdes por esses dias no Parlamento, ter carregado forte e feio na pressão pública em vez de privilegiar o recato da negociação. Portanto, assinar ou não assinar? Não assinou.

“Ele é um político equilibrado, correto, daqueles a quem se compra um carro em segunda mão” — diz ao Expresso o insuspeito Miguel Relvas, ministro de Passos à época e amigo de Seguro até certa altura (reencontraram-se por estes dias na CNN e já não se viam há mais de 11 anos) — “mas não é um

aventureiro político e teve sempre medo do Costa; esse foi o problema”. No PS, Álvaro Bezeira, amigo e apoiante de sempre de António José Seguro, não resiste a um certo revisionismo sobre este episódio em particular: “Ainda hoje estou convencido de que se tivesse aceitado, tinha ido a votos contra o Passos e tinha ganho as eleições.”

Sabemos que não foi assim que aconteceu. Derrotado internamente pelo rival de sempre depois de o PS ter vencido as autárquicas de 2013 e as europeias de 2014 (por “poucoquinho”), António José Seguro desligou-se da política nacional durante os 10 anos que se seguiram de governação de António Costa: deixou praticamente de ler jornais, numa espécie de autopreservação, rumou às Caldas da Rainha, onde vive com a mulher e os dois filhos, e onde há duas semanas apresentou a candidatura a Presidente da República, e foi “fazer-se à vida”. Dividiu-se entre as aulas de Ciência Política que dava na Universidade Autónoma de Lisboa (despediu-se dos alunos por estes dias), as aulas no ISCSP (estas últimas ainda vai manter, para já), e as empresas que criou de alojamento local e produção de vinho e azeite na Serra Pedreira, uma propriedade que lhe foi deixada pelo pai, em Penamacor, e cujo processo gosta de ir acompanhando de perto. “Não ficou com mordomias nenhuma da política, fez-se à vida, é um português como os outros”, aponta um amigo e ex-chefe de gabinete no Largo do Rato, Miguel Ginestal, em conversa com o Expresso.

Agora, volta da reserva para ser candidato presidencial sem a certeza de ter o apoio formal do Partido Socialista; apostado em ser o candidato que concilia experiência política com ética à prova de bala (“não tenho esqueletos no armário”, chegou a dizer numa entrevista ao Expresso, em 2010), assumindo-se como “progressista” e humanista, que não distingue portugueses de primeira e de segunda (nem as elites da província), que dá valor às raízes e à família, e com o desafio de provar o impossível: que “não vem da política tradicional”, quando uma revista pelo seu percurso político diz o exato contrário.

OPERCURSO E A NATUREZA

António José Martins Seguro, 63 anos, nasceu em Penamacor, distrito de Castelo Branco, 12 anos antes do 25 de Abril, e foi em adolescente que viveu os anos fervorosos da participação cívica em liberdade. O pai, dono de uma papelaria, e a mãe, doméstica,

incutiram-lhe o gosto pela participação cívica e associativa numa vila a 15 km de Espanha, que, por vezes, apanhava mais a televisão espanhola do que a portuguesa. Com os primos — um deles o ex-secretário de Estado da Energia Jorge Seguro Sanches — fundou um jornal, que vendia de mão em mão à lei da gorjeta: cada um pagava o que queria. Com isso, comprou o primeiro stencil e assim se foi profissionalizando até se tornar n’*“A Verdade de Penamacor”*, um jornal legalizado quando “Tozé” Seguro e os primos ainda nem tinham completado 18 anos. Tiveram de pedir a duas amigas já maiores de idade, a Carlota e a Gabriela, para encabeçarem o projeto, com a condição de não mexerem com a política editorial. Montaram uma redação, com poucos metros quadrados, mas uma redação ainda assim. Tinha orgulho naquilo e quis mostrá-lo ao Presidente da República Ramalho Eanes, quando um dia visitou a cidade. Não tendo conseguido convencê-lo, foi à volta e levou a mulher, Manuela Eanes, pela mão até às instalações de “A Verdade de Penamacor”. “Você raptou-me a mulher”, ironiza ainda hoje o ex-chefe de Estado em circuito restrito. O rapaz era persistente.

À porta da papelaria dos pais, não era raro encontrá-lo a vender livros ou jornais da esquerda revolucionária no pós-25 de Abril. Se antes não se podia fazer nada politicamente, Tozé Seguro aproveitou o despotar da liberdade para fazer um pouco de tudo: criou uma associação cívica, a Geração 2000, um grupo de teatro, treinou grupos de ginástica, atletismo, jogou futebol, fez teatro. Fundou a primeira conceção da JS em Penamacor e candidatou-se (e venceu) muito jovem à Assembleia Municipal. Foi nessa qualidade que, certo dia, desafiou o histórico comunista Álvaro Cunhal, que visitava pela primeira vez o concelho depois de lá ter estado preso, a conhecer as ruas da cidade e a jantar com gente da terra. Cunhal não estaria muito interessado, mas acedeu, com a condição de ir embora antes do jantar. Não foi. E juntou. “Nunca vi um jovem com tanta determinação em ter um destino político”, diria em 2011 ao Expresso Fernando Paulouro, então diretor do “Jornal do Fundão”.

Influenciado pela família, que era do PS, e inspirado, ora pelos socialistas espanhóis Felipe González ou Alfonso Guerra, que via na televisão, ora por António Guterres, que tinha raízes beirãs e fazia política no distrito, António José Seguro entra para o PS perto dos 18 anos, depois da derrota de Mário Soares

A pressão interna caiu-lhe em cima com estrondo, o histórico socialista Mário Soares falou alto e bom som: haveria uma “cisão dentro do PS” se houvesse acordo com Passos Coelho. E não seria bonito

ID: 117896528

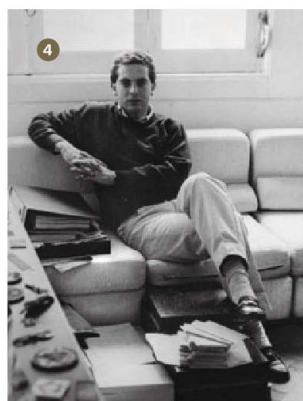
27-06-2025 | REVISTA E



1



3



4

FAMÍLIA ❶ Com os primos, um deles Jorge Seguro Sanches, ex-secretário de Estado da Energia, criou uma associação cívica e fundou um jornal local, em Penamacor. Na foto, é o segundo a contar da esq.

❷ Fez a tropa na antiga Escola Prática de Administração Militar, no Lumiar, e rapidamente mergulhou na vida político-partidária, no PS, deixando a faculdade em standby ❸ Desafiado por Pedro Couceiro e outros pilotos a pilotar karts, contraria a ideia de "certinho" que muitos lhe colaram

❹ Com pouco mais de 20 anos torna-se presidente do Conselho Nacional da Juventude, órgão criado para juntar a massa crítica juvenil de todos os quadrantes políticos, sindicais e associativos ❺ Com amigos de infância, no ciclo preparatório, é o segundo a contar da esq., na fila do meio



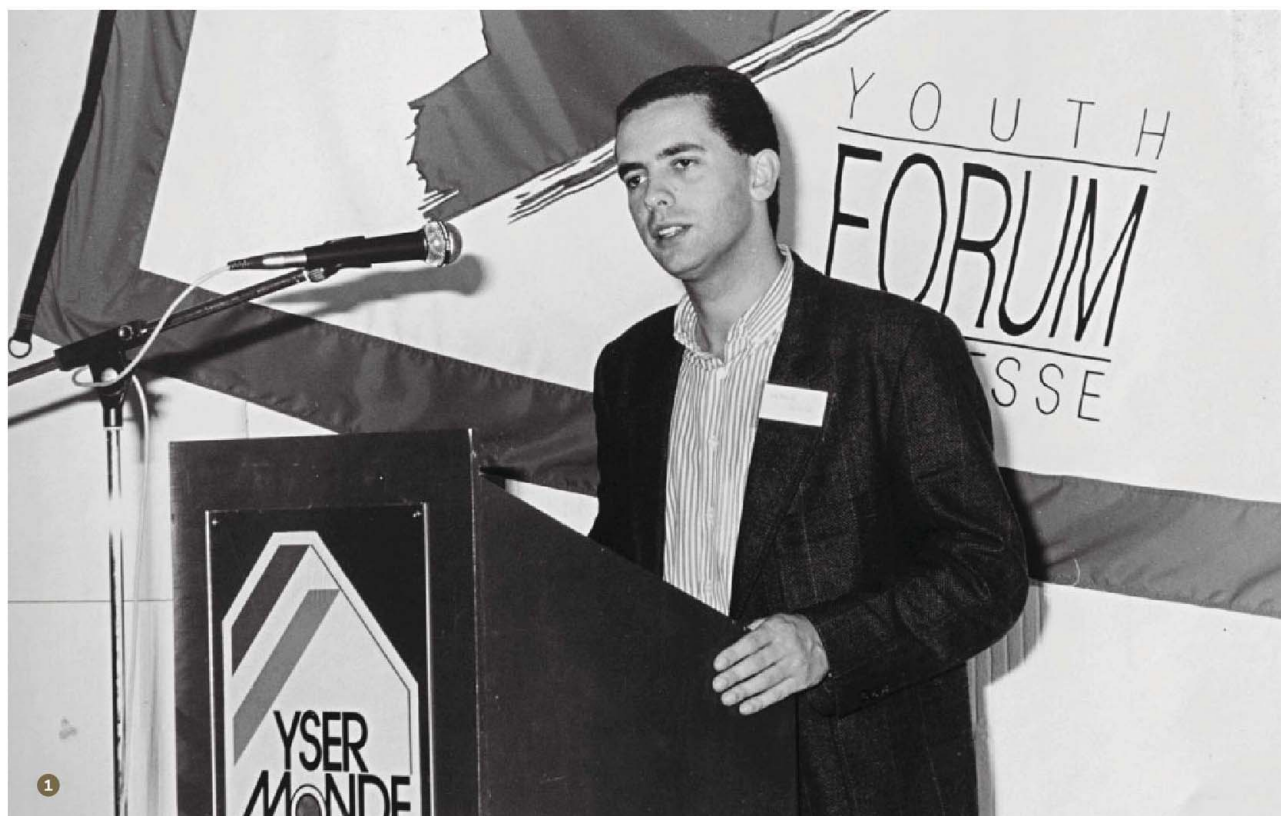
2



5

ID: 117896528

27-06-2025 | REVISTA E



POLÍTICA ❶ Com 27 anos torna-se presidente do Fórum da Juventude da União Europeia (de 1989 a 1993), tendo chegado ainda a vice-presidente da União Internacional das Juventudes Socialistas. Já caminhava para os 30 anos e era apelidado de "o jovem velho" ❷ Numa conferência de imprensa na qualidade de líder dos jovens europeus ao lado do presidente do Parlamento Europeu de então ❸ e ❹ Como presidente da Assembleia Municipal de Penamacor, convidou o comunista Álvaro Cunhal para jantar na vila onde tinha estado preso ❺ A Secretaria de Estado da Juventude foi o primeiro cargo governativo que desempenhou com António Guterres, e foi nessa qualidade que esteve, ao lado do PR Soares, na cerimónia dos 10 anos de adesão de Portugal à UE ❻ Delfim e conterrâneo de Guterres, foi com ele a Berlim à sua estreia numa reunião do comité executivo da Internacional Socialista



FOTOGRAFIAS D.R.

ID: 117896528

27-06-2025 | REVISTA E

Costa, sampaísta, das elites de Lisboa, da Faculdade de Direito; Seguro, guterrista, origens e raízes beirãs, com o curso por fazer. “Nunca tiveram uma boa relação, mas nem eles sabem bem porquê”, diz um ‘segurista’

frente à AD de Sá Carneiro e Freitas do Amaral, em 1979. Pouco depois rumou a Lisboa para estudar gestão de empresas no ISCTE, mas o envolvimento na Juventude Socialista e na vida partidária deixaram os estudos para segundo plano. Chegou a líder da JS em 1990, deputado em 1991, depois veio o Governo de António Guterres, onde foi secretário de Estado e ministro; com um interregno como deputado no Parlamento Europeu, eleito no segundo lugar da lista encabeçada por Mário Soares, e por fim líder do PS. Os estudos só seriam retomados quase 20 anos depois da primeira investida, já depois de ser ministro, tendo entregado a tese de mestrado em 2010. Tornou-se, lá está, um político de profissão.

Mas a história da quase assinatura do acordo de salvação nacional com que abrimos este artigo; a abstenção violenta que, antes disso, tinha dado ao Orçamento do Estado para 2012 (quando os votos não eram necessários aritmeticamente); o acordo para o IRC que ainda veio a fazer com Passos (e que Costa rasgou), a reforma do Parlamento que instituiu os debates quinzenais, ou a revisão da Constituição que, como líder parlamentar, negociou com Marques Mendes, na altura ministro dos Assuntos Parlamentares e hoje também candidato presidencial, ilustram o que diz ser uma “natureza diferente” da “política tradicional” — por natureza associada às elites e aos jogos de poder.

“Na minha apresentação de candidatura assumi todo o meu percurso e todo o meu passado por inteiro; é conhecido e transparente. Mas a natureza desse percurso é diferente da política tradicional, tantas vezes criticada por se tornar distante das preocupações reais das pessoas, privilegiando elites políticas e interesses organizados”, diz agora ao Expresso. E continua a explicação: “Ao contrário da política tradicional, em que os políticos falam e os cidadãos ouvem, sempre procurei escutar as pessoas e envolvê-las nas decisões.” Lembra-se, por exemplo, de quando criou o gabinete de atendimento aos eleitores em Braga, quando foi cabeça de lista por aquele círculo. Quer mostrar que sempre fez política de forma diferente daquilo que amiúde se associa à política, sem manha ou interesses paralelos.

Seguro, dizem várias fontes que o acompanharam de perto durante os anos que esteve à frente do PS (2011-2014), tinha a “convicção” de que tinha sido um governo do PS, do qual não tinha feito parte (e do qual até tinha sido crítico), a assinar o memorando da *troika*, logo, tinha de “honrar os compromissos”, mesmo que isso o fizesse comprar guerras com o seu partido. Ao Expresso, Eurico Brilhante Dias, membro da direção segurista na altura, explica como a prioridade era a de “restabelecer a confiança com o eleitorado”, numa altura em que o PS aparecia com 19% nas sondagens. “No início, havia uma certa predisposição das pessoas para alguma austeridade, e havia a convicção de que a voz do PS na relação com a *troika* era importante para a imagem externa do país.” Na

cabeça dos protagonistas de então está a imagem da *troika* a entrar regularmente no Largo do Rato, para a habitual reunião de acompanhamento com a oposição, ou a imagem de Seguro no Eliseu, sentado frente a frente com François Hollande, a explicar por a + b que a dignidade era o limite para o ajustamento. Admitia a necessidade de alguma austeridade, para exasperação da ala que o criticava no PS, “o problema estava na dose e no ritmo”, dizia. “Se pensarmos como a direita pensa, acabamos a governar como a direita governa”, contrapunha Costa, o rival de sempre.

A verdade é que Tozé tinha também a ingenuidade de acreditar que, naquele momento difícil do país, podia haver um diálogo construtivo entre Governo e oposição, sobretudo com aqueles líderes de turno. Conhecia o “Pedro” desde os tempos em que liderou o Conselho Nacional da Juventude, em 1985, e tinham sido líderes das respetivas juventudes partidárias ao mesmo tempo (primeiro Carlos Coelho, depois Pedro Passos). Não sendo amigos-amigos, tratavam-se por tu, conheciam-se bem, dos jantares, dos fados, de frequentarem os mesmos lugares da noite de Lisboa. Miguel Relvas sim, era amigo, e hoje, apesar de se terem afastado, ainda lhe tece elogios. Carlos Coelho, ex-eurodeputado e ‘reitor’ da Universidade de Verão do PSD, é que era quase o seu “gémeo”, padrinho de casamento inclusive. Na primeira reunião que teve com o primeiro-ministro (uma longa reunião, ou não fosse Passos Coelho conhecido por ser palavroso), Seguro terá dito ao que vinha: se eram os primeiros líderes daquela geração, então tinham a obrigação de ter uma cultura de diálogo geracional diferente, mais construtiva. Deviam pegar no memorando da *troika* e, em vez de fazer um corte e cola, fariam uma verdadeira reforma. Não seria bem assim e, em parte, foi também isso (por causa da medida da extinção de freguesias) que se chatearia com o amigo Miguel Relvas.

Anos antes, quando liderava o Fórum Europeu da Juventude, nos anos 90, um colega sueco tinha-lhe traçado o destino quando lhe escolheu a alcunha: era o “Mister Compromise”. “Conseguia a proeza de envolver todos em torno de uma missão comum, com capacidade de liderança, de organização e método de trabalho”, diz ao Expresso o ex-chefe de gabinete Miguel Ginestal, que viu isso pela primeira vez quando, enquanto presidente do Conselho Nacional da Juventude, em 1985, Seguro organizou uma reunião entre todas as associações de estudantes do ensino superior (universidades e politécnicos) na sala do Senado da Assembleia da República. “Foi inovador”, nota. Foi a chefiar aquelas juventudes interpartidárias que Seguro aprendeu que as reuniões se querem curtas (longa deve ser a preparação), que a pontualidade é uma virtude e que é conversando que ‘a gente’ se entende.

RIVALIDADES CRÓNICAS

A presidência do Conselho Nacional da Juventude, em 1985, está, de resto, na base de uma longa história

de rivalidade crónica com António Costa e toda a ala costista, elitista, sampaísta, esquerdista, e outros istas, do PS. Um artigo do jornalista Paulo Pena de 2014, no “Público”, recorda bem essa história. Tudo começou na Jota, em 1984. Margarida Marques estava prestes a terminar o mandato como líder dos jovens socialistas, depois de um mandato muito aceso politicamente e incómodo para a direção do partido, e António Costa, o mais jovem frequentador das famosas reuniões do ex-secretariado no sótão de Guterres, era visto como o líder óbvio. Mas tanto a direção de Mário Soares como os conspiradores do sótão de Algués estavam interessados em que a JS baixasse os decibéis da política interna. A lista vencedora (que derrotou Porfírio Silva) seria então toda cozinhada por Costa: pôs José Apolinário (que conhecia bem da Faculdade de Direito) à cabeça, e o jovem Tozé Seguro também lá estava. É nessa altura que Apolinário indica Seguro para a liderança do recém-criado Conselho Nacional da Juventude, que juntava jovens de todos os partidos, associações e sindicatos, onde ganha impulso e notoriedade, e, a partir daí, juntam-se para começar a tentar esbater a influência permanente de Costa na estrutura socialista.

De lá para cá, foram sempre uns contra os outros. Um segurista de primeira linha confessa que não se recorda ao certo do que motivou as divergências no tempo da Jota. Num exercício de memória, tende a achar que a divergência crónica entre Costa e Seguro não é mais do que o espelho da divisão do PS no pós-Soares: Costa, sampaísta, das elites de Lisboa, da Faculdade de Direito; Seguro guterrista, com orgulho nas origens e nas raízes beirãs, com o curso por fazer. Certo é que “nunca tiveram uma boa relação, mas nem eles sabem bem porquê”, diz.

Seguro acabaria por suceder a Apolinário como líder da JS, de 1990 a 1994, e, nessa altura, foi pela primeira vez eleito deputado. “Não havia dinheiro para nada”, lembra agora para explicar que era preciso muita criatividade para fazer política e chamar à atenção. Foi a JS de Seguro que encheu de gente a campanha de Jorge Sampaio em 1991, com bandeiras amarelas com o símbolo vermelho e uma jogada arriscada de distribuição de 250 mil preservativos por todo o país, que era duplamente uma campanha contra a sida e uma forma de levar os jovens a votar. “Deixa-me seduzir-te” era o lema. Camisolas amarelas e suspensórios vermelhos era o *outfit* dos jovens provocadores que, com aquilo, passaram a ser vistos aos olhos dos jornalistas que acompanhavam os partidos políticos. Sampaio perdeu para Cavaco, mas Seguro ia fazendo o seu caminho.

Apesar da campanha arrojada, que irritou os mais conservadores, Seguro sempre foi conhecido por ser “certinho” — conta que só fumou um ‘charro’ uma vez porque, depois de ter dito publicamente que nunca tinha experimentado, os amigos da JS lhe levaram um para uma reunião: “Para o Tozé fumar, porque isto não pode ser.” Tenta frequentemente contrariar

essa ideia e, para o provar, lembra como foi a dançar em cima de uma coluna, numa discoteca da Figueira da Foz no final do congresso em que deixou de ser líder da JS, que conheceu a atual mulher, Margarida Maldonado Freitas, farmacêutica e mãe dos seus dois filhos. Casariam vários anos mais tarde, em 2001, e a família, dizem todos com quem o Expresso falou, é um pilar incontornável da sua vida. Não estar tão presente no crescimento dos dois filhos foi, porventura, o que mais lhe custou quando, de 2011 a 2014, foi secretário-geral do PS, obrigado a ausências mais prolongadas.

Hoje, um amigo de longa data olha para o discurso de apresentação da candidatura a Belém que Seguro fez no Centro de Congressos das Caldas, numa sala à pinha, e faz a quadratura do círculo sobre o ADN político do candidato: depois de ter avançado com a candidatura sem o apoio declarado do PS, Seguro quis tentar reinventar o “espírito MASP [Movimento de Apoio Soares à Presidência]”, que vem debaixo para cima, em crescendo. João Soares, o filho do histórico fundador do PS, estava na fila da frente e ainda ensaiou um “Seguro é Fixe!”, mas não colou. No palco, Seguro citaria a teoria dos “cestos” de Soares, para dizer que não se devem pôr todos os ovos no mesmo cesto (Governo e PR devem ser de partidos diferentes), e identificaria Mário Soares e António Guterres como as referências que “deram sentido à ação política humanista e centrada nas pessoas”. Mas a verdade é que só se aproximou de Mário Soares e Manuel Alegre por via da família Maldonado Freitas, porque a “aristocracia do PS” nunca foi a sua praia. “A linha dele sempre foi o Guterres.” E é “à Guterres” que se quer afirmar: “Como um tipo de coração.”

O OUTRO DELFIM

Foi ao lado de Mário Soares, contudo, que chegou ao Parlamento Europeu, em 1999. Era o número dois daquela prestigiada lista, onde também estava Sérgio Sousa Pinto, e foi ele que deu a cara pela campanha de norte a sul — quando Soares já não estava para grandes voltas do aparelho. Dois anos depois de ter chegado a Bruxelas, e de passar a semana em viagens entre cá e lá, Seguro estava de casamento marcado e tinha decidido fazer a longa viagem de carro com a futura mulher para decidirem se queriam fazer vida lá. Estava reunido com deputados socialistas da Madeira quando o telefone tocou. Várias vezes. Foi Margarida



Quando subiu finalmente a ministro, em 2001, trocando os confortáveis tapetes vermelhos de Bruxelas pela trica de São Bento, já o pântano estava por dias. O Governo cairia nem um ano depois

Com a candidatura ao mais alto cargo da nação em marcha, muitos dizem que lhe assenta melhor o papel de Presidente do que o de primeiro-ministro. Apresenta-se como um homem “humilde”

Maldonado Freitas quem teve de fazer as vezes de anfitriã na reunião, tal era o entra e sai de Seguro. Do outro lado estava o primeiro-ministro, António Guterres, a fazer uma remodelação e a pedir-lhe para ser seu ministro Adjunto. A mulher percebeu logo: “Regressamos quando? Amanhã?” Tinham ido para ficar, mas, afinal, estavam de partida.

Por essa altura estava lançado como eurodeputado; tinha sido, de forma inédita para um português, correlator do Tratado de Nice (onde revelou uma capacidade negocial digna de nota, dizem), mas falou com Mário Soares e disse que o dever de solidariedade o chamava. A verdade é que era o único dos jovens promissores de então que ainda não tinha subido a ministro. Quando António Guterres chegou a primeiro-ministro, em 1995, o delfim de Penamacor vai para secretário de Estado da Juventude. Era a sua área de eleição, depois de se ter destacado tanto como presidente do CNJ como na liderança do Fórum Europeu da Juventude, o que lhe valeu, entre os críticos, o rótulo malicioso de “o jovem velho”. Os outros jovens promissores eram António Costa, que tinha entrado no Governo pela quota de Jorge Sampaio, num sinal de união; e um engenheiro da Covilhã, José Sócrates, que, curiosamente, se tinha revelado aos olhos de Guterres quando, longe das jotas lisboetas, tinha conquistado a Federação de Castelo Branco tornando-se, assim, a primeira federação do país a contrariar a supremacia soarista e a apoiar o grupo do ex-secretariado, o que marcou pontos em António Guterres. O delfim Sócrates ficaria então com a Secretaria de Estado do Ambiente, e Costa com os Assuntos Parlamentares. Na remodelação de 1997, contudo, Sócrates subiu a ministro Adjunto (e depois a ministro do Ambiente), Costa a ministro dos Assuntos Parlamentares com a tutela da Expo-98, que lhe deu um enorme destaque, e depois a ministro da Justiça; Seguro ficou-se pela Secretaria de Estado Adjunta do primeiro-ministro. Quando subiu finalmente a ministro, em 2001, trocando os confortáveis tapetes vermelhos de Bruxelas pela trica de São Bento, já o pântano estava por dias. O Governo cairia nem um ano depois.

Com Sócrates, cinco anos mais velho, a rivalidade sempre foi surda e miudinha. Conterrâneos, do mesmo distrito, chegaram a ir de boleia juntos para Lisboa algumas vezes, mas os santos nunca bateram. Quando Ferro Rodrigues sucede a Guterres na liderança do PS, escolhe António Costa para líder parlamentar. Mas quando Costa troca Lisboa por Bruxelas e o lugar fica vago, várias fontes falam num acordo que Costa tinha feito com Sócrates para ir ele para o lugar. Por essa altura, o engenheiro da Covilhã já andava a montar campanha de norte a sul para ser o próximo líder do PS, tal como Pedro Nuno Santos viria a fazer depois durante a liderança de António Costa, e Ferro Rodrigues não quis dar destaque à sua sombra.

Chamou António José Seguro para o lugar. “Lembro-me de uma discussão grande nos Passos Perdidos entre o Jorge Coelho (o homem da máquina), o Sócrates e o Seguro, foi feio”, conta um segurista.

Célebre também ficou o almoço no Hotel Termas da Curia, para o qual Seguro foi convocado por Jorge Coelho para falarem sobre o futuro do PS depois da demissão de Ferro Rodrigues: quem seria o próximo? Seguro ponderava; não via competência no rival da Covilhã para ser seu líder, mas Jorge Coelho disse-lhe o que era óbvio em todo o partido: Sócrates estava mais bem colocado. Ainda não era a sua vez. Quando José Sócrates vence depois as eleições legislativas em 2005, com uma estrondosa maioria, liga ao Tozé para continuar como líder parlamentar. Não quis. Ficou como deputado de última fila, desalinado mas pouco ruidoso; dedicou-se aos estudos de ciência política e relações internacionais, na Universidade Autónoma, apostado em contrariar a ideia de que era um político profissional, e entreteve-se a coordenar a ambiciosa reforma da Assembleia da República de 2007, que muito o orgulha e que viria depois a servir de base à sua tese de mestrado sobre autonomia dos deputados.

As feridas ficaram e, quando se tratou de resolver a sucessão de Sócrates, é sabido que tanto José Sócrates como António Costa apoiaram o seu concorrente interno, Francisco Assis, nos bastidores. Francisco Assis, de resto, é há muito um amigo e apoiante. Da mesma forma que, agora, quando avançou com uma candidatura presidencial, os costistas foram os primeiros a vir a público desvalorizar a candidatura: “Precisamos de mais do que banalidades para a Presidência da República”, disse Augusto Santos Silva, afirmando que uma eventual candidatura do ex-secretário-geral não preenchia os “requisitos mínimos” de uma candidatura que o PS pudesse apoiar. Mariana Vieira da Silva não diria melhor: “Não se conhece uma ideia” de Seguro. “O que Santos Silva disse é o que Costa pensa: desprezam-no”, atira um segurista.

É justo, porém, dizer que o trabalho interpartidário sempre foi uma marca de água do seu percurso, o que agora lhe serve para dizer que quer encabeçar uma candidatura presidencial sem “dependeer” de um só partido, sem “amarras” e com liberdade. Prova disso, lembra uma fonte, é que todos os membros do grupo de trabalho da Reforma AR — que instituiu os debates quinzenais, aumentou os direitos das oposições, instituiu a liberdade de voto dos deputados, obrigou à divulgação do registo de interesses e aperfeiçoou a fiscalização aos membros do Governo — estiveram presentes, anos mais tarde, na apresentação do livro de Seguro com o mesmo nome. De António Filipe, do PCP, que Seguro conhecia bem desde o Conselho Nacional da Juventude, a José Matos Correia (PSD), Luís Pedro Mota Soares (CDS) ou Luís Fazenda (BE), só Fazenda estaria em falta na sessão. Mas nem isso. “Estou aqui!”, ouviu-se gritar das filas de trás o histórico bloquista quando Seguro dizia ao microfone

que o deputado do BE era o único que não tinha conseguido comparecer.

Consensos, responsabilidade, mas também uma certa discrição, que enerva os políticos mais agueridos, são características que lhe atribuem. Martin Schulz, o alemão que foi presidente do Parlamento Europeu, chegou a escrever no Expresso isto sobre ele, em plena crise da austeridade: “Conheço António José Seguro há muitos anos, desde que ambos fomos vice-presidentes do Grupo Socialista no Parlamento Europeu, entre 1999 e 2001. Penso que esses anos no Parlamento Europeu ensinaram-no a pensar em termos globais e a levar em linha de conta todas as dimensões e consequências dos assuntos políticos. Tomou conta da liderança do PS numa situação extraordinariamente difícil: após uma derrota eleitoral e no meio da pior crise económica que o nosso continente conheceu desde a fundação da União Europeia. Portugal e os seus cidadãos estão a pagar um preço extraordinariamente elevado por esta crise e admira a coragem política de António José Seguro por ter apoiado as medidas que precisaram de um consenso nacional para serem tomadas, mas também por dizer basta quando a austeridade corre o risco de rasgar o tecido social de que a nossa sociedade é feita. António José Seguro é uma pessoa muito equilibrada e serena, cujo carácter lhe permite ficar calmo mesmo sob pressão e em situações de dificuldade. Mas isto não faz dele um político frio e distante. Pelo contrário: conheço-o como sendo um homem cheio de compaixão, ainda que à sua discreta maneira.” É a tal veia “Guterres” que agora quer mostrar.

Numa entrevista ao Expresso em 2010, em que deu um sinal claro de que estaria lá no pós-Sócrates (“Se houver um momento em que eu considere que seja útil dar o meu contributo ao PS e ao país, assumirei as minhas responsabilidades”), a jornalista Cristina Figueiredo perguntou-lhe se era verdade que já tinha feito *bungee jumping*. “Não! Subi à plataforma, mas quando cheguei lá acima vi as pessoas tão pequeninas que tive receio de as esmagar e não saltei.” O medo de, na hora H, não saltar, seria a sina do “Mister Compromise”? Seguro rejeitava essa opção. O truque é não olhar para baixo, dizia há 15 anos.

No dia 3 de junho, dia em que assumiu a candidatura presidencial sem a certeza de que teria, sequer, o apoio do PS, saltou. “À Soares.” Agora, com a candidatura ao mais alto cargo da nação em marcha, que muitos dizem que lhe assenta melhor do que o de primeiro-ministro, apresenta-se como um homem “humilde”. “Dos meus pais recebi a exigência e o rigor da palavra dada, e também os genes da abnegação”, disse no discurso de apresentação nas Caldas com a voz embargada. “Afastei-me quando podia dividir, volto agora para unir”, rematou, na frase mais aplaudida da tarde. A partir de agora, vai ser mesmo assim: à Guterres. ●



António José Seguro

O "Mr. Compromise"
está de volta

ID: 117896528

27-06-2025 | REVISTA E



Perfil

Chegou a hora de
António José Seguro?
Por Rita Dinis